

Klein: é possível “uma” teoria dos afetos?

Klein: can anyone theorize on affect?

Edson Soares Lannes¹

Resumo: Melanie Klein compreendeu a última formulação freudiana do campo pulsional como uma teoria das duas pulsões básicas (de vida e de morte) em conflito que se manifesta na interação de sentimentos (amor e ódio) em relação aos objetos, internos e externos, durante toda a vida. Postula duas posições emocionais básicas em que o ego lida com as ansiedades (principalmente medo e culpa) que o afetam nas relações objetais, utilizando defesas que possibilitem o progresso do desenvolvimento psíquico.

Palavras-chave: afeto, Klein.

Abstract: *Melanie Klein saw the last Freud's instinct theory as a theory of two basic impulses (life and death) in conflict, manifesting itself in the interplay of feelings (love and hate) in relation to objects, internal and external, during the whole life. She postulates two basic emotional positions in which the ego is affected by anxieties (mainly fear and guilt) in its relation to objects and uses defences which allow psychic development.*

Keywords: *affect, Klein.*

1. Psicanalista/CPRJ.

Tudo que, em mim, pensa, sente.
Fernando Pessoa

Uma revista de psicanálise escolhe como tema o afeto. Uma sociedade de psicanálise faz a programação do ano girar em torno desse “conceito”. Ou será dessa “noção”? Em nosso recorte de saber sobre o ser humano muitas vezes temos que lidar com áreas de superposição nocional, ou conceitual, e isso certamente contribui para alguma imprecisão em nosso esforço de colocar em palavras plenas o que queremos dizer.

Li uma vez, há algum tempo, em matéria veiculada na internet, um depoimento de Luis Cesar Ebraico, que acho oportuno transcrever aqui. Seu título “O *affekt* freudiano”. Escreve assim o depoente: “Quando eu estava me debatendo para entender o significado do maldito “*affekt*” freudiano, quem me resolveu a charada foi o Prof. Carlos Paes de Barros, o maior exegeta freudiano que conheci. Explicou-me o seguinte: Luis Cesar, para entender o *affekt* freudiano tem-se que saber que ele, ao usar essa palavra está se referindo a quatro conceitos: *Affektbildung*, um conceito topográfico significando o traço mnêmico deixado pela experiência afetiva; *Affektgrösse*, um conceito econômico, referido à quantidade de energia investida sobre um determinado *Affektbildung*; o *Affektbetrag*, um conceito dinâmico, indicando uma relação entre estrutura e energia e que, ultrapassando certo limiar, gera o *Affektzustand*, um conceito clínico, que se refere à experiência do afeto. Acontece que ele, via de regra, emprega apenas *Affekt*, sem os seus devidos complementos e o leitor tem que inferir, pelo contexto, se se trata do (*Affekt*) *Bildung*, do (*Affekt*) *Grösse*, do (*Affekt*) *Betrag* ou do (*Affekt*) *Zustand*”².

Os que conhecemos Paes de Barros sabemos o cientista sério e obstinado que foi e lhe somos gratos pela profundidade que alcançou em suas pesquisas sobre os textos freudianos. E ele nos faz falta.

A palavra afeto cobre uma gama importante de significações. Em alemão, *Affekt* significa “estado emocional”, como em *Affektzustand*. No sentido “afeição” a palavra é *zuneigung*. “Amor” é *liebe*. “Emoção, sentimento, sensação” é *gefühl*.

2. “*bildung*” – formação, criação, refinamento, cultura.

“*betrag*” – quantidade.

“*grösse*” – grandeza, tamanho.

“*zustand*” – condição, estado.

Laplanche e Pontalis³ definem afeto como “qualquer estado afetivo”, penoso ou agradável, vago ou qualificado, ressonância emocional de uma experiência.

Rycroft⁴ diz que afeto é um termo geral para designar sentimentos e emoções. Fala em afetos de descarga, que acompanham a expressão de um impulso e afetos de tensão, que acompanham o represamento do impulso.

No índice temático das *Sinopses* da Standard Edition, de Freud, não consta o verbete “afeto”.

No *Dictionary of Kleinian Thought*, de R.D. Hinshelwood, não é incluído o conceito “afeto”.

Radmila Zigouris⁵, em seu artigo *A criança do júbilo* publicado na revista *Pulsional*, sugere que se acrescente aos quatro conceitos fundamentais, de Lacan, um 5º conceito: o afeto.

Em português, usamos a palavra “afeto” em dois sentidos principais. Um, relacionado a amor, amizade, disposição carinhosa. Outro, ligado ao verbo afetar, no sentido de atingir, causar modificação, etc. Se somos atingidos por algo, isso nos afeta, nos provoca uma emoção (ex-moveo), nos tira do lugar, nos provoca um sentimento, nos gera ansiedade, inquietação.

Melanie Klein, falando com suas colegas, dizia não saber o que a fez sentir que o que ela devia buscar, acompanhar e utilizar na clínica era a “ansiedade”. Não sabia porque deveria proceder assim, mas seguiu a sua intuição e a experiência, segundo ela, confirmou que estava certa.

O trabalho clínico e teórico de Klein começa com a ansiedade, sempre presente na situação clínica. Ela interpretava sempre a fantasia inconsciente guiada pelo gradiente de ansiedade no curso da sessão.

Klein conheceu Freud em 1918, no Congresso Psicanalítico de Budapeste, em que ele apresentou o trabalho *Linhas de progresso na terapia psicanalítica*. Foi muito estimulada em seus primeiros anos de trabalho por seus dois analistas, Ferenczi e Abraham e por Jones, que a convidou para trabalhar em Londres, onde desenvolveu sua obra.

Bercherie⁶, em seu estudo comparativo das correntes pós-freudianas, considera o kleinismo um pensamento e uma prática ortodoxos.

Klein se entregou completamente à psicanálise. *Mais além do princípio do prazer* (1920), *Ego e Id* (1923) e *Inibição, sintoma e ansiedade* (1926) são os trabalhos de Freud onde ela enraíza a contribuição que fez ao movimento psicanalítico.

3. Vocabulário de Psicanálise (Laplanche e Pontalis).

4. Dicionário Crítico de Psicanálise (Rycroft, Charles).

5. *Pulsional* Revista de Psicanálise, ano XIII, nº 138.

6. “L’oculaire quadrifocal (Bercherie, Paul).

Adota a revisão da dualidade pulsional de 1920 e faz dela um conceito operatório na clínica. A ambivalência, pulsão de vida e pulsão de morte, amor e ódio, são o coração da intuição kleiniana.

Eros e Tanatos, ou “eratos”, são o chão em que construiu sua teoria. Ao longo de sua teorização, tentou clarificar mais e mais seus pontos de vista sobre os afetos, os *feelings*, sobre “*gefühl*” (sentimento, emoção; o que me afeta). Nos escritos em inglês usa, principalmente, para falar de afeto, a palavra “*anxiety*”.

Desde o início de seu trabalho psicanalítico, seu interesse se focalizou na ansiedade e em sua causação. A ansiedade é suscitada pelo perigo constante que ameaça o organismo, decorrente da pulsão de morte. Essa é a causa primária da ansiedade. Ela pensa, diferentemente de Freud, que existe, inconscientemente, o medo de aniquilamento da vida, que é a ansiedade primária, como reação à pulsão de morte. Esta fonte de ansiedade dura toda a vida e é intensificada pela carga de inveja, emoção que, para ela, é inata e atua como verdadeiro caldo de cultura para a pulsão de morte. Para Freud, a separação em termos físicos da mãe serve como paradigma para todas as futuras situações de ansiedade. Para Klein o que está na base da geração de ansiedade é a relação ambivalente com o seio. Para ela há duas formas principais de ansiedade: persecutórias e depressivas.

Na prática psicanalítica pesquisadores kleinianos consideram essa diferenciação útil para a compreensão de situações emocionais. Klein a acha útil para implicações maiores, até, por exemplo, na ética em geral, enquanto motivação para o comportamento em relação ao outro. A ação da pulsão de morte é o fator primordial na causação da ansiedade.

Como o objeto primário que recebe os impulsos agressivos expelidos como defesa é o mesmo objeto da libido, é fundamental para a sobrevivência que a ação da pulsão de morte seja mitigada pela pulsão de vida. Quando isso acontece em nível ótimo, a ansiedade resultante da atividade perpétua da pulsão de morte, embora nunca seja totalmente eliminada, é contra-atacada e neutralizada pelo poder da pulsão de vida.

A ansiedade, no início, se mostra como emoção desprazerosa. Na medida em que a experiência aumenta e outras funções do ego se desenvolvem (memória, percepção sensorial), a criança vai se tornando capaz de prever ou antecipar que um estado de desprazer vai acontecer. Isso gera a emoção, mais específica, de ansiedade, que, na seqüência, se diferenciará em outras emoções desprazerosas.

Klein, sem desconsiderar o desenvolvimento em fases da teoria freudiana, criou o conceito de “posição”, que define como situação dinâmica,

com interações múltiplas em fantasias, de uma constelação global de ansiedades, defesas e relações de objeto.

Em sua síntese teórica, considera duas posições: a “esquizoparanóide” e a “depressiva”. Seguindo uma ordem de desenvolvimento psíquico, na primeira posição a relação é com o objeto parcial, a ansiedade é persecutória e relacionada à sobrevivência do ego ameaçado de aniquilamento e a defesa predominante é a clivagem do ego e do objeto, este, dividido em um extremamente perigoso e outro, idealizado. A separação radical protege o objeto idealizado, que, por sua vez, garante a sobrevivência do ego.

O desenvolvimento prossegue e aos poucos, vai se configurando a posição depressiva. A clivagem vai sendo menos radical e a relação vai se dar com um objetivo inteiro. A mãe (seio) que é atacada é a mesma que é amada. A ansiedade maior é a de perda do objeto amado. Esta situação é fundamentalmente estruturante. O modo como se dá a estruturação, nessa passagem, depende das defesas predominantes: de um lado, a reparação; do outro, a defesa maníaca (negação, triunfo, controle, desprezo).

Cada passo no desenvolvimento implica alguma separação e perda (andar, falar, higiene, autonomia crescente, condição adulta, perda dos pais, etc.). Isso mobiliza as ansiedades, que serão predominantemente persecutórias, ligadas a medo ou depressivas, ligadas a culpa. Os processos integradores fazem diminuir as ansiedades e modificam as defesas, a caminho de reparação, sublimação e criatividade.

Segue-se um período que ela denominou de “neurose infantil”, que começa no fim do primeiro ano e vai até os 5, 6 anos. Nele interagem aptidões físicas, atividade lúdica, progresso intelectual, fala, hábitos higiênicos, incremento das sublimações, ampliação das relações objetais e maior organização libidinal. Defesas fóbicas e obsessivas são utilizadas para controle das ansiedades.

Vêm, então, latência, adolescência e idade adulta. Os componentes esquizoparanóides e depressivos vividos no primeiro ano persistem por toda a vida e ditam os padrões esquizoparanóides e depressivos das relações, flutuando conforme os sentimentos de perigo frente a ameaças por “objetos-forças” externo-internos.

Nunca se supera totalmente a posição depressiva e a maneira como as relações objetais se integram permanece como base da personalidade. É importante para Klein que, na interação regressão-progressão, sejam mantidos os aspectos fundamentais do progresso já alcançado. Se as necessidades forem modificadas de modo gradual, a progressão dominará a regressão e, no curso da “neurose infantil” ficarão definidas as bases para estabilidade mental.

Em um trabalho analítico, em seu final, haveria redução das ansiedades, possibilidade de relações objetais mais satisfatórias, com primazia da genitalidade, menos força no conflito edípico, elaboração mais bem sucedida das experiências de luto e angústias vencidas pela simbolização e pelo trabalho do pensamento.

O conceito de dualidade pulsional (pulsão de vida e pulsão de morte) dá ao pensamento de Klein chão e coerência. Para quem quer um pouco mais de contato com sua teorização sugiro que leia um texto de Susan Isaacs, *Natureza e função da fantasia*⁷ e três textos dela: *Algumas conclusões teóricas sobre o desenvolvimento emocional do bebê*⁸, *As origens da transferência*⁹ e *Crêterios para o término de uma análise*¹⁰. Para quem quiser pensar a teoria de Klein como uma espécie de Teoria dos afetos sugiro, depois da leitura dos textos mencionados, a leitura de um trabalho de Ruth Stein¹¹, intitulado *A new look at the theory of Melanie Klein*.

Vale a pena lembrar, para terminar, que Winnicott fez muitos anos de supervisão com Melanie Klein e nunca negou a importância do seu pensamento clínico e teórico para ele. No entanto Winnicott trouxe uma enorme e inesgotável contribuição ao pensamento psicanalítico, em que o conceito de pulsão de morte não foi necessário. É por essa liberdade de pensar a psicanálise, com reflexão séria sobre o movimento psicanalítico, com o estudo exaustivo das contribuições do gigante Freud e dos continuadores, com as conversas constantes entre nós e, principalmente, com a escuta cuidadosa dos relatos dos analisandos, que devemos nos empenhar sempre.

Para terminar, compartilho, afetuosamente, com vocês um poeminha que me surpreendeu, de autoria de Castro Alves.

“Donde vens?
 – Venho de um seio!
 Aonde vais?
 – A um coração!
 Quem te inspira?
 – A voz de um anjo!
 Qual é teu nome?
 – Afeição!...”

7. Em “Os progressos da psicanálise”, cap. III (Klein et al).

8. Em “Os progressos da psicanálise”, cap. VI (Klein et al).

9. “The Origins of Transference” (IJP, 1952).

10. “On the criteria for the termination of a psychoanalysis” (IJP, 1950).

11. STEIN, Ruth. *A new look at the theory of Melanie Klein* (IJP, 1950).

Klein: é possível “uma” teoria dos afetos?

Edson Soares Lannes

Rua Miranda Valverde, 135
Botafogo - Rio de Janeiro - RJ
CEP: 22281-000
Tel.: (21) 2286-6399
E-mail: melan@globo.com

Referências

BERCHERIE, Paul. L' oculaire quadrifocal. *Ornicar? revue Du Champ freudien*, n. 30, p. 94-125, jul.-sept/1984.

KLEIN, Melanie. On the criteria for the termination of a psycho-analysis. *The International Journal of Psycho-Analysis*, London, v. XXXI, p.78-80, 1950.

_____. The origins of transference. *The International Journal of Psycho-Analysis*, London, v. XXXIII, p. 433-438, 1952.

KLEIN, Melanie et al. *Os progressos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969. cap.3, 6.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. -B. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1986. 707 p.

PULSIONAL REVISTA DE PSICANÁLISE, São Paulo, ano XIII, n. 138, out. 2000.

RYCROFT, Charles. *Dicionário crítico de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975. 262 p.

THE INTERNATIONAL JOURNAL OF PSYCHO-ANALYSIS, London, v. 71, 1990.